

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

Millena Cavalcante Borges

**OS DESAFIOS PARA INCLUIR AS MENINAS NAS AULAS DE FUTSAL – UM
ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA**

Goiânia
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFMG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFMG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Millena Cavalcante Borges

Título do trabalho: Os desafios para incluir meninas nas aulas de futsal - um estudo de caso com professores de uma escola pública

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Juracy Da Silva Guimarães, Professor do Magistério Superior**, em 30/03/2022, às 22:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MILLENA CAVALCANTE BORGES, Discente**, em 06/04/2022, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2776542** e o código CRC **8489272E**.

Millena Cavalcante Borges

**OS DESAFIOS PARA INCLUIR AS MENINAS NAS AULAS DE FUTSAL – UM
ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física e Dança da Universidade
Federal de Goiás como requisito para
finalização do curso de Educação Física
Licenciatura

Orientador: Prof. Dr Juracy da Silva Guimarães

Goiânia
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Borges, Millena Cavalcante

Os desafios para incluir as meninas nas aulas de futsal – Um estudo de caso com professores de uma escola pública [manuscrito] / Millena Cavalcante Borges. - 2022.
XXXV, 35 f.

Orientador: Prof. Dr. Juracy da Silva Guimarães.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2022.
Bibliografia. Apêndice.

1. Futsal. 2. Inclusão. 3. Docente. 4. Preconceito. I. Guimarães, Juracy da Silva, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **trinta dias do mês de março de 2022, às 20 horas**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **"Os desafios para incluir meninas nas aulas de futsal - um estudo de caso com professores de uma escola pública"**, de autoria de **Millena Cavalcante Borges**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Juracy da Silva Guimarães - orientador FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Fernanda Cruvinel Pimentel - CEPAE/UFG** e **Prof. Ms. Marcus Vinícius Coimbra dos Santos - Secretaria Estadual de Educação (SEE/GO)**. Inicialmente o professor Juracy da Silva Guimarães agradeceu a participação dos integrantes da banca examinadora, esclareceu aos presentes as etapas da apresentação pública do trabalho de conclusão de curso e facultou a palavra à estudante para apresentação. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **8,00 (oito)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Juracy Da Silva Guimarães, Professor do Magistério Superior**, em 30/03/2022, às 22:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCUS VINÍCIUS COIMBRA DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 06/04/2022, às 09:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Cruvinel Pimentel, Professor do Magistério Superior**, em 06/04/2022, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2776538** e o código CRC **D1BEFAAD**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus por ter guiado meus caminhos e me abençoado para chegar até aqui; aos meus pais e à toda minha família pela ajuda e apoio durante todo esse percurso acadêmico, me incentivando nos momentos difíceis e compreendendo minha ausência enquanto me dedicava à este trabalho; agradecer à todos que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Juracy da Silva Guimarães, pelas correções, ensinamentos e conselhos que me permitiu desenvolver este trabalho da melhor maneira possível, além de toda paciência que teve com minhas dificuldades; à todos os professores da FEFD-UFG pela formação e instrução que me deram durante todo o curso e à banca examinadora que dedicaram seu tempo para enriquecer meu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender quais são as dificuldades que os docentes enfrentam para incluir as meninas nas aulas de futsal. Para isso, fizemos uma pesquisa qualitativa fundamentada inicialmente em uma revisão bibliográfica e nos dados obtidos em uma pesquisa de campo, utilizando um roteiro semiestruturado; além disso, ela se caracteriza também como um estudo de caso realizado com dois professores de uma escola pública. Analisamos as principais dificuldades citadas pelos entrevistados e/ou fatores que ocasionam essas dificuldades. Dividimos as categorias de análise em: a identificação profissional e pessoal dos docentes; a organização do futsal; as capacidades técnicas e físicas dos alunos e a questão do gênero e do preconceito. O estudo apresentou aspectos que dificultam a inclusão das meninas nas aulas de futsal e como esses aspectos afetam a vida escolar das crianças e a profissionalização do docente, através desses problemas, traz formas de como o professor pode mudar essa realidade desigual e discriminativa. Dentre as dificuldades encontradas podemos citar a falta de participação e interesse das meninas; a forma lidar com as capacidades físicas e técnicas dos alunos; como interferir em situações de preconceito e discriminação.

Palavras-chave: Futsal; Inclusão; Docente; Preconceito.

ABSTRACT

The present work aims to understand what are the difficulties that teachers face to include girls in indoor soccer classes. To discuss that, we did qualitative research initially based on a bibliographic review and on data obtained in a field research, using a semi-structured script; in addition, it is also characterized as a case study carried out with two teachers from a public school. We analyzed the main difficulties mentioned by the respondents and/or factors that led to these difficulties. We divided the categories of the analysis into: the professional and personal identification of the teachers; the offer of indoor soccer; the technical and physical capacities of the students and the gender issue and its preconcept. The study presented aspects that make the inclusion of girls in indoor soccer classes hard and how these aspects can affect the scholar life of those children and the professionalization of the teacher, through those problems, bring ways of how the teacher can change this unequal and discriminative reality. Among those difficulties founded we can quote the lack of participation and interest of the girls; how to deal with physical and technical abilities of the students; how to interfere in preconcept and discrimination situations.

Key-words: Indoor Soccer; Inclusion; Teacher; Preconcept.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. METODOLOGIA	09
2.1 Características da pesquisa	09
2.2 Coleta de dados.....	10
2.3 Sujeitos de pesquisa e unidade de análise	11
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
3.1 Gênero	13
3.2 Metodologia de ensino.....	14
3.3 Futsal	15
3.4 Esporte na educação física escolar	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1 Identificação profissional e a percepção de si mesmo	19
4.2 A organização do futsal pelos entrevistados	21
4.2.1 Como ensinar o futsal/futebol	22
4.3 As capacidades físicas e técnicas dos alunos	23
4.4 Gênero e preconceito.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE	33

1. INTRODUÇÃO

Desde criança, sempre tive contato com o futebol e com a masculinização do mesmo, normalmente era a única menina que jogava (mesmo tendo outras meninas elas não se interessavam), isso acontecia na rua e na escola. Mencionando o âmbito escolar, pode-se observar que a participação nas aulas tem grande influência do meio social e da cultura.

Agora, finalizando o curso de licenciatura, pude compreender de forma mais madura que essa falta de interesse pode estar relacionada à diversos fatores, como: machismo, discriminação, exclusão, questões de gênero, cultura, educação limitada, falta de preparo de profissionais, falta de motivação dos docentes, entre outros. Portanto, como futura professora, decidi aprofundar em quais seriam as dificuldades que o docente tem em incluir as meninas nessa prática esportiva dentro do âmbito escolar, quais fatores o docente pode influenciar, mudar e conscientizar para que haja um progresso nessa questão e como a inter-relação entre aluno e professor pode transformar suas aulas.

No Brasil, a prática do futsal feminino foi oficializada em 08 de janeiro de 1983 pelo extinto Conselho Nacional de Desportos (CND). Para Santana e Reis (2003), a prática do futebol de salão feminino foi autorizada pela FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) em 23 de abril de 1983. A partir dessa autorização os campeonatos começaram a surgir em vários estados. Anteriormente a essa data, as competições eram organizadas sem o caráter oficial.

O futsal é um dos esportes mais praticados no âmbito escolar, porém, ainda é um esporte masculinizado e machista. Souza Júnior e Darido (2002) reforçam que um dos motivos para o atraso da prática do futebol pelas mulheres pode ter sido a pouca participação e oportunidades a elas oferecidas nas aulas de Educação Física em décadas passadas.

Mesmo nos dias atuais essa cultura da dicotomia entre masculino e feminino ainda é presente nas aulas de Educação Física e vista sob o olhar de exclusão tanto pelos professores como pelos alunos, principalmente no que diz respeito a prática do futsal feminino devido ao contato físico e agressividade que vão contra a feminilidade (Cavalcante, 2020). Por isso, queremos entender quais são as dificuldades mais presentes que o docente enfrenta para incluir as meninas nas aulas de futsal e o que pode ser feito para desconstruir essa visão de “esporte de menino”.

Para atingir aos objetivos propostos acima este trabalho foi dividido em três partes. Inicialmente apresentamos o percurso metodológico adotado no estudo, evidenciando e

justificando a tipificação da pesquisa, a escolha e construção dos instrumentos de coleta dados, a seleção dos sujeitos de pesquisa e a técnica adotada para a seleção das categorias de análise.

Em seguida apresentamos uma revisão bibliográfica com o objetivo de construir um quadro teórico básico a partir do qual analisamos os dados coletados na abordagem empírica.

Depois disso apresentamos as quatro categorias de análise que se evidenciaram a partir dos objetivos estabelecidos e dos dados obtidos. A primeira categoria foi a identificação profissional e a percepção de si mesmo, enquanto profissional e pessoa, em relação ao professor, como foi a sua formação, se ele(a) se sente preparado para exercer sua profissão adequadamente e como esse conjunto de características ajuda ou atrapalha na forma em que eles motivam seus alunos nas aulas.

A segunda categoria foi a organização do futsal, como é a estruturação do bimestre, se tem diferença dessa escola analisada para outras escolas, de que forma o futsal é ensinado e como isso afeta os alunos.

Já na terceira categoria abordamos sobre as capacidades físicas e técnicas dos alunos, quais são as diferenças das mesmas entre meninos e meninas, quais são as capacidades que eles possuem mais dificuldades e/ou facilidades e como essas capacidades se relacionam com a prática.

E na quarta categoria, de maneira abrangente, tratamos de pontos como gênero e preconceito, visão da sociedade sobre o futsal/futebol, quais foram às posições dos entrevistados em relação à atitudes de preconceito e como o professor pode interferir nessas situações.

À seguir iremos explicar um pouco melhor de como esses professores foram escolhidos, sobre a coleta de dados, a unidade de análise, sobre a pesquisa em si; e como que todos esses pontos ajudam a entender o porquê que a separação das categorias de análise foi dividida dessa forma.

2. METODOLOGIA

Minayo (1996) apud Guimarães (2002) destaca que nada pode constituir-se em um problema de pesquisa sem haver sido, antes, um problema da vida prática do pesquisador. Um problema de pesquisa não surge de maneira espontânea. Surge de interesses e circunstâncias condicionadas, fruto de uma determinada inserção na realidade na qual encontra suas razões e seus objetivos.

Como destacado acima, a ideia do meu problema de pesquisa surgiu através da minha relação com o futsal durante minha trajetória, os problemas, dificuldades e preconceitos que já passei e/ou que já vi acontecer.

Dentre os vários tipos de pesquisas existentes no campo da metodologia científica optamos pela pesquisa do tipo qualitativa com as seguintes especificidades:

2.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Por necessitarmos conhecer as expectativas dos professores sobre as questões relacionadas ao ensino de futsal para meninas, podemos classificar a pesquisa de maneira inicial como sendo um estudo qualitativo que segundo Chizzotti (2006) apud Pesce e Abreu (2013), uma pesquisa qualitativa é aquela que:

[...] usando, ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem (p. 28).

King, Keohane e Verba (1994) apud Toledo e Siaishi (2009) lembram que a pesquisa qualitativa se baseia em um grande número de abordagens não fundamentadas em mensurações numéricas. Esta modalidade de pesquisa se baseia em pequenos números de casos e emprega intensivamente o uso de entrevistas ou análises em profundidade de documentos históricos.

Dentre os estudos qualitativos que se utilizam de revisões bibliográficas, entrevistas e observações percebemos que nosso projeto de pesquisa apresenta características de um estudo de caso, pois não buscamos atingir um grande número de casos e nem tampouco nos interessava (até mesmo por limitações de tempo e do nível de estudo) conhecer a totalidade dos casos de ensino do futsal no contexto escolar de nossa realidade sócio cultural. Como nos lembra Yin (2005) apud Toledo e Siaishi (2009) que define o estudo de caso como estratégia de pesquisa

que possui na sua essência esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, assim como o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implantadas e com quais resultados obtidos dentro de uma situação específica.

Além disso, e para reforçar a caracterização de nossa investigação como um estudo de caso, nos apoiamos nos estudos de Ludke e André (1986), que entendem-no como o método de investigação pelo qual se capta o modo de vida de uma realidade social concreta e através do qual se persegue a descrição ou reconstrução analítica do caráter interpretativo da cultura, formas de vida e estrutura social do grupo pesquisado. Sendo assim, essa pesquisa investiga um pequeno número de casos, em relação à docência, e como o modo de vida pessoal e profissional desses professores afetam a relação do aluno com a prática esportiva.

Portanto, essa pesquisa se classifica como qualitativa do tipo estudo de caso que se fundamenta teoricamente em uma revisão bibliográfica básica sobre o tema e em dados obtidos na abordagem empírica.

No item seguinte trataremos da coleta de dados do presente estudo.

2.2 COLETA DE DADOS

Para coleta de dados, foi elaborado um roteiro semiestruturado com treze perguntas, sendo que a partir das respostas obtidas em algumas questões foram elaboradas questões complementares, além de estabelecer um diálogo à partir dos pontos mais polêmicos. Manzini (2012) afirma que a entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Segundo o autor, deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta.

No contexto pandêmico ainda existente na realidade brasileira e com a imposição do modo remoto tanto para trabalhar quanto para estudar, decidimos que a melhor opção seria realizar essa entrevista de maneira online, além disso, a dificuldade de agenda dos entrevistados também foi um motivo para não nos encontrar pessoalmente. Por isso, usamos o aplicativo

Google meet¹ que se apresentou como a ferramenta mais adequada para os entrevistados, como de praxe, foi garantido o sigilo das informações pessoais e solicitou-se a autorização para a gravação das entrevistas para posterior transcrição.

2.3 SUJEITOS DE PESQUISA E UNIDADE DE ANÁLISE

A escolha dos entrevistados se deu à partir dos seguintes critérios:

- Serem da mesma instituição;
- Serem de sexos diferentes e
- Trabalharem com o ensino fundamental I (1º ao 5º ano).

A questão de trabalharem na mesma escola e com a mesma faixa etária foi estabelecido como critério para analisarmos se as aulas acontecem de forma diferente ou igual quando se muda o professor e como essas aulas acontecem nessa idade.

Foi determinado que seria um de cada gênero (uma mulher e um homem) com o objetivo de comparar se o ponto de vista do indivíduo muda mediante seu gênero e se as dificuldades são as mesmas.

No início da entrevista, quando fiz a pergunta “qual é o seu sexo?”, a professora 2 respondeu:

“Sou mulher, não vou falar feminino porque feminino é gênero.”

Louro (1992) destaca que é importante lembrar que quando falamos em gênero, estamos nos referindo a uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos, então é imprescindível entender que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade.

Para encontrá-los, entramos no site da instituição escolhida e procuramos pelos docentes, o contato foi feito via e-mail, onde eu apresentei sobre a pesquisa, como seria feito e com que intuito tinha este trabalho, eles aceitaram, assinaram o termo de consentimento e assim foi marcada a reunião.

Para a escolha da unidade de análise, adotamos os seguintes critérios:

- A facilidade de aproximação com os professores por ser uma instituição vinculada à minha faculdade;
- Minha participação na instituição como aluna, através de estágios;

¹ Google Meet é uma plataforma de videoconferências do Google, pertencente ao Workspace, que oferece planos gratuitos e pagos para criação de reuniões com até 250 pessoas, com duração de até 24 horas, criptografia e uma série de recursos disponíveis.

➤ Pela qualificação exigida pela Instituição para a contratação de professores.

Logo, a unidade de análise escolhida foi o CEPAE - UFG (Centro de Ensino e Aplicação à Educação, da Universidade Federal de Goiás), uma escola pública, que é vinculada com UFG – Universidade Federal de Goiás.

Com o percurso metodológico definido, vamos no próximo capítulo apresentar a revisão bibliográfica que constituiu o embasamento teórico para essa pesquisa, trazendo inúmeros autores e obras relacionadas com o tema deste trabalho.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Aos nos aproximarmos do objeto de estudo e delimitarmos nosso problema de pesquisa identificamos a necessidade de construir um quadro teórico para fundamentar nossas análises bem como para elaborar nosso instrumento de coleta de dados. Evidenciaram-se alguns pontos relevantes, que foram eles: gênero, metodologia de ensino, o futsal propriamente dito e o esporte na educação física escolar, que passamos a abordar em seguida.

3.1 GÊNERO

Bassanezi (1992) afirma que gênero remete à cultura, aponta para a construção social das diferenças sexuais, diz respeito às classificações sociais de masculino e de feminino.

Ainda hoje, o futsal é passado para as crianças como um “esporte de homem”, e que a proporção de meninos praticantes é maior que a de meninas, então geralmente se vê as meninas ganhando bonecas ou utensílios domésticos e os meninos uma bola (SANTOS, 2008; SILVA, 2010 apud Martins et al, 2016). Desde a infância, através da representatividade dos brinquedos, as meninas não são estimuladas a conhecer a bola, como os meninos são, então essa ideia de ser um esporte só de homens vem sendo enraizado durante toda a criação deles, o que leva a uma não aceitação de ambos os sexos em que o futebol seja para todos. Segundo Altmann e Reis (2013) apud Vieira (2019), ao longo da infância, as primeiras experiências futebolísticas das meninas ocorreram na companhia de homens, sendo os familiares e amigos, na maioria, crianças como elas.

Notamos que os alunos em sua maioria não acreditam ser errada a participação da mulher em um esporte tido como violento, para eles, com determinação, as meninas são capazes de se destacarem no esporte, direcionando para uma ótica de que com o passar do tempo a mentalidade do gênero masculino vem se tornando crítica e reflexiva para com essa temática. Assim a presença feminina em um esporte de predominância masculina, é fato de evolução da mulher na sociedade. (MARTINS; BACURAU; JARDIM; NETO; DE OLIVEIRA, 2016)

Percebe-se que, a conquista feminina na prática do futsal tem avançado consideravelmente, apesar dos estigmas, preconceitos e estereótipos ainda permearem as relações sociais e, também o ambiente escolar. (VIEIRA, 2019). Esse pensamento de “esporte de homem” vem sendo reformulado nas escolas, principalmente através dos professores, em que os meninos já tem uma aceitação maior das meninas praticando o futebol e conseqüentemente as meninas tem mais interesse e se sentem mais confortáveis participando das aulas. Dentre os ambientes conquistados pela mulher na sociedade, o meio esportivo se mostrou um importante espaço de visibilidade de luta feminina (PEREIRA; FONSECA, 2009 apud VIEIRA, 2019).

Ao dirigir o foco para o caráter "fundamentalmente social", não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. (LOURO, 1997). Ou seja, o gênero vai além do corpo biológico, o seu significado carrega uma abordagem sócio histórica desenvolvida pela sociedade. Louro (1997) ainda afirma que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Todas essas relações disciplinares que se estabelecem na escola vão de alguma maneira constituindo os sujeitos que a frequentam. Suas normas, valores, discursos e o currículo vão “formando” e “conformando” em diversos aspectos, inclusive no que se refere à sexualidade e ao gênero, sendo gênero “Um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana”. (SCOTT, 1995, p.89 apud JACO e ALTMANN, 2017).

3.2 METODOLOGIA DE ENSINO

O método é um caminho ao qual se percorre para chegar a um determinado objetivo (MUTTI,2003). Assim, é fundamental que o professor utilize um método, ou vários, para ensinar, considerando as características de cada aluno, da turma, do ambiente e dos recursos materiais para que possa obter um resultado positivo no processo de ensino-aprendizagem (PINHO et al., 2010).

Para Costa (2003) dentro do futsal, teremos três métodos básicos de ensino: método parcial, método global e misto. Costa (2003) entende que: o método parcial ensina o futsal em partes, e desenvolve os fundamentos e as habilidades motoras. O método global, por sua vez, consiste segundo Costa (2003), em ensinar o jogo através de seu desenvolvimento, permitindo a vivência com as mais variadas e diferenciadas formas de praticar e executar o jogo do futsal, desde o primeiro contato que o aluno tem com o esporte. Já, o método misto se caracteriza por juntar o método parcial e global, consistindo e possibilitando a prática de exercícios isolados.

Nessa organização didático-pedagógica das dimensões, vários autores destacaram que, na dimensão conceitual, o conteúdo ensinado pelo professor deverá contemplar a realidade do sujeito para que possa utilizar em sua vida, respondendo questões como: o que se deve saber? (ZABALA, 1998; COLL et al,1992 apud D'AJUDA 2018). Na dimensão procedimental, o aluno é conduzido pelo caminho que leva a construção dos seus saberes, sendo ator principal, focando nas habilidades e estratégias (ZABALA, 1998, apud D'AJUDA 2018). Por fim, a dimensão atitudinal, refere-se a valores, moral e normas, considerando tentar levar o aluno a tomada de decisões autônomas e críticas no desenvolvimento social (ZABALA, 1998; CARVALHO, 2012, apud D'AJUDA 2018).

Uma das grandes preocupações dos professores de Educação Física é encontrar a melhor forma de ensinar o esporte a partir dos diversos métodos existentes para o seu ensino na escola, esse enlace de preocupações pedagógicas, se fundem com os questionamentos didáticos no que tange aos aspectos conceituais existentes dentro das gamas de perspectivas e correntes didáticos-pedagógicas (GONÇALVES, 2012; apud D'AJUDA, 2018).

Todavia, Libâneo (1994) apud D' Ajuda (2018) define método como um conjunto de ações pelos quais se organizam atividades de ensino, para assim atingir as metas. É o meio ou caminho em que se deve utilizar para atingir um objetivo. Portanto, é necessário compreender o caminho pelo qual se deve percorrer, no que se refere aos métodos, mas elucidando o destino de onde chegar, ou seja, qual conteúdo da área trabalhar.

3.3 FUTSAL

O futsal é uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil, com forte apelo cultural. Popularmente, é tido como uma reprodução do futebol em dimensões reduzidas. Basicamente, as regras de ambas as modalidades são as mesmas, com o futsal apresentando algumas particularidades como um menor tamanho e peso da bola, menor número de jogadores (cinco), número livre de substituições, cobrança de lateral com os pés, ausência do

“impedimento”, menor tamanho do gol, menor dimensão do espaço de jogo e piso rígido (quadra). (Ré, 2008)

O futsal é jogado em quadra retangular, plana, horizontal, medindo 40m de comprimento por 20m de largura (dimensão para jogos oficiais). Ocorre um contato físico constante entre os atletas na disputa pelo espaço de jogo, sendo este muitas vezes um fator importante para a vitória de uma equipe (Ré et al., 2003). Os jogadores necessitam possuir uma elevada capacidade de velocidade e agilidade de movimentos, além de excelente domínio espaço-temporal, permitindo assim uma rápida aceleração e mudança de direção, em espaços reduzidos e compartilhados por adversários e companheiros de equipe. A proximidade dos adversários faz com que as ações tenham que ocorrer de forma rápida e muitas vezes inesperada, motivo pelo qual os movimentos automatizados e inflexíveis limitam as possibilidades de desempenho (Ré & Barbanti, 2006).

O futsal, além de trabalhar técnica e tática, pode agregar em diversos aspectos da vida do aluno, desenvolvendo coordenação motora, a ajuda mútua, a coletividade, a obediência e outras aprendizagens citadas por Mutti. Ensinaamentos que interferem positivamente no desenvolvimento da criança dentro e fora da escola.

Mutti (2003), em posição pedagógica semelhante, ou seja, tradicional, compreende que o Futsal é a modalidade que possibilita trabalhar um conjunto de aspectos: técnico-tático do jogo, raciocínio rápido, coordenação motora, questões sociais, cooperação, respeito e liderança. Segundo ele, no processo da aprendizagem sobre a modalidade do Futsal, as crianças vivenciam e passam por várias situações de aprendizagem diferenciadas.

O futebol e o futsal são modalidades coletivas que se caracterizam pela necessidade de execução de ações motoras em um contexto (jogo) de elevada instabilidade e imprevisibilidade, ou seja, são modalidades que exigem a execução de habilidades motoras abertas. As ações técnicas (fundamentos) devem ocorrer em função das requisições momentâneas do jogo. Sendo assim, isoladamente, os diferentes fundamentos não são capazes de predizer a capacidade de desempenho (Ré, 2007), pois existe uma interação entre as ações motoras (com e sem bola) coletivas e individuais e o sistema de jogo. (Ré, 2008)

3.4 ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Para Kunz (2001), a escola se configura como um dos espaços de organização social onde as práticas esportivas acontecem, cabendo ao profissional da Educação Física

proporcionar, pela tematização do seu conteúdo específico, uma compreensão crítica das práticas esportivas, potencializando os sujeitos a estabelecer vínculos com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

O esporte possui inúmeros benefícios, que vão além de uma simples atividade física ou de um momento de lazer. O esporte acrescenta melhorias na vida criança, desenvolvendo suas habilidades e melhorando suas dificuldades.

O esporte quando inserido na vida do aluno além de ser uma atividade prazerosa é capaz de auxiliar numa melhoria da saúde e da auto-estima, além de ajudar na sociabilização do aluno, melhorando conseqüentemente sua qualidade de vida, por isso é de suma importância que o professor consiga incluir todos em suas atividades propostas, pois o esporte é uma grande ferramenta para promoção da saúde e da inclusão social (HILLEBRAND et al, 2008; apud ANDRADE, 2015, p 11).

O esporte praticado na escola será de grande importância para o desenvolvimento integral da criança, desde que sejam respeitadas as individualidades dos praticantes” (VOSER & GIUSTI, 2002). O esporte possibilita que todos aprendam, mesmo cada um possuindo suas particularidades.

Demonstram que ao nos envolvermos com o esporte educacional, temos que nos atentar em proporcionar aos praticantes, possibilidades para verem a si mesmos e aos outros como seres humanos igualmente valiosos, tanto na vitória como na derrota, caracterizando assim, o coletivismo e a interação entre os participantes, descaracterizando os esportes burgueses elitista, seletivos e competitivos ao extremo (Esporte de Alto Rendimento), pois o esporte como prática social se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica.(Bracht (1986), Brotto (2000) e Coletivo de Autores (1992) apud Ciriaco e Junior 2007, p. 2).

É através do esporte na escola que podemos aprender e ensinar ao outro mutuamente, é uma via de mão dupla. Ensinamos, aprendemos, interagimos e respeitamos uns aos outros, construindo valores que são levados para a vida, como pessoa, como aluno, como filho.

A compreensão do que significa "ensinar/aprender esporte" não é homogênea, tranquila, pacífica, sem resistência por parte dos professores da área. A crítica

que esses autores direcionam à Educação Física escolar é no sentido de que falta aos professores desse componente curricular aproximar-se das práticas docentes, na perspectiva de refundar as teorias. Os autores destacam ainda que o ensino do esporte na Educação Física escolar não tem avançado na formação cultural e, por isso, tem que existir, para eles, uma finalidade pedagógica enquanto conteúdo, já que a Educação Física é um importante componente curricular na formação de subjetividades. (Bracht et al. 2003, p. 52 apud Carlan et al, 2012).

Apesar da ideia muito comum de que "ensinar um esporte" é apenas ensinar a praticá-lo, já existe a compreensão e a necessidade de que a teoria/prática esportiva, enquanto parte do conteúdo a ser ensinado na escola, deve ser mediada por uma teoria pedagógica crítica, reconhecendo o esporte como um fenômeno socialmente produzido. (Carlan et al., 2012)

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentaremos, de maneira intencionalmente selecionada, as informações obtidas de nossos sujeitos de pesquisa que categorizamos como dados para analisá-los.

4.1 IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL E A PERCEPÇÃO DE SI MESMO

Como descrito na metodologia, os dois professores que foram entrevistados possuem nível superior e sobre as suas formações responderam:

“eu sou licenciado em educação física, mestre em ensino da educação básica, sou especialista em ensino superior e docência universitária” (Professor 1)

“eu sou licenciada em educação física, me formei na FEF - UFG, sou da turma 2007/2010, em 2011 eu fiz uma especialização em políticas públicas, na UFG também, na faculdade de ciências sociais, em 2012 eu fiz mestrado em antropologia social também na faculdade de ciências sociais da UFG e fiz doutorado em 2014 em educação física pela UNB”. (Professora 2)

Segundo Tardif et al (1991), o saber que o docente mobiliza em sua prática cotidiana representa o resultado de uma mistura mais ou menos coerente de saberes provenientes de quatro fontes distintas a saber:

- da formação profissional - representado pelo conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação dos professores;
- das disciplinas – correspondem aos saberes sociais, sistematizados sob a forma de disciplinas e transmitidos pela universidade. Emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes;
- dos currículos – correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos, a partir dos quais, a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais que ela definiu e selecionou para serem transmitidos;
- da experiência - são aqueles que os professores desenvolvem no exercício de sua função. Brotam da experiência e são validados por ela.

Quando falamos da formação profissional, os entrevistados se sentiram bem entusiasmados em descrever sobre as instituições que passaram na vida, e ressaltaram que através delas se sentiam preparados para exercer seu papel como docente. Sobre a formação profissional e disciplinas, citamos no início dessa metodologia como eles discorreram sobre seu ensino superior, suas especializações, mestrado e doutorado. Já quando nos referimos aos currículos os docentes relataram que nessa instituição tem um currículo bem preparado. Eles seguem um currículo, todas as turmas já possuem um conteúdo pré-definido para cada escala (bimestre) que eles vão passar, estabelecendo um desenvolvimento gradual e não repetitivo.

Nias (1991) apud Nóvoa (1992) afirma, o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor. Logo, podemos observar que a vida pessoal e profissional do docente estão totalmente interligadas, é importante entender que o processo de formação não se dá apenas com o acúmulo de conhecimento através de cursos e especializações, mas também da bagagem, da experiência e da história de vida do professor.

Abordando a importância da experiência Dominicé (1990) apud Nóvoa (1992) afirma:

devolver à experiência o lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social e profissional) passa pela constatação de que o sujeito constrói o seu saber activamente ao longo do seu percurso de vida. Ninguém se contenta em receber o saber, como se ele fosse trazido do exterior pelos que detêm os seus segredos formais. A noção de experiência mobiliza uma pedagogia interactiva e dialógica. (p. 149-150)

E em relação à experiência os docentes discorreram sobre percepções e acontecimentos que já passaram durante sua prática pedagógica, que estão citadas em vários momentos deste trabalho.

Borges (1995) apud Guimarães (2022) afirma que constituem a trajetória de vida dos professores de educação física as experiências adquiridas como praticantes/atletas, como alunos do curso de graduação e como profissional inserido no mercado de trabalho. Por isso, é de extrema importância que a experiência seja partilhada e dialogada entre os professores e através dela construir reflexões críticas que agregam no saber e na aprendizagem mútua. Com base na percepção de si mesmo e da identificação profissional, relacionar sua vida e suas experiências com sua formação acadêmica, estabelecendo uma profissão docente mais preparada e interativa.

Quando estávamos abordando sobre suas formações os professores disseram:

“a formação inicial no curso de licenciatura acabou que me deu muitas ferramentas para conseguir trabalhar o ensino da educação básica, que sempre foi meu foco durante a graduação mesmo. Tanto no sentido das abordagens teóricas que foram trabalhadas, nas disciplinas, quanto nas possibilidades de experimentação, de estágio, as participações nos eventos científico, dos movimentos estudantis...” (Professor 1)

“minha formação foi essencial, me moldou para dar as aulas da forma que eu dou hoje, para poder pensar em algumas questões que são muito relevantes, para se pensar em educação social mais progressista, mais igualitária, mais justa, eu tenho objetivos muito fixados também em trabalhar as questões de preconceito, de bullying das minorias, tanto relacionado com questões de raça, das mulheres, do futebol...”. (Professora 2)

É através de falas como essas que podemos reafirmar, as conclusões dos estudos de Tardif et al (1991), Nias (1991), Dominicé (1990) e Borges (1995) apresentados anteriormente sobre a importância da formação do docente e sobre como ela vai refletir na prática pedagógica desse professor. E é por isso, que no próximo tópico iremos entender um pouco melhor de como o futsal é ofertado.

4.2 A ORGANIZAÇÃO DO FUTSAL PELOS ENTREVISTADOS

A organização do tempo pedagógico na unidade de análise é um pouco diferente das outras escolas. Os vários conteúdos de ensino da educação física escolar são ofertados por bimestre que é chamado de escala e eles possuem um currículo totalmente estruturado de acordo com as turmas, para que seja trabalhado de tudo um pouco e de forma que o desenvolvimento da criança aconteça de forma gradual e evolutiva, os entrevistados relataram:

“Lá no CEPAE a gente tem o currículo né, então assim, o que já está definido quando os alunos vão ver o conteúdo de futebol e como a gente organizou os conteúdos, não só em esporte e lutas, ginástica, jogos e etc, mas dentro do esporte a gente também definiu as modalidades, principalmente essas mais populares e quando elas vão ser trabalhadas, até para não ficar repetindo” (Professor 1)

“Lá no CEPAE é assim, a gente estruturou o currículo para que cada série ao longo do processo de escolarização da criança, do 1º ano até o 3º ano do ensino médio ela tivesse determinados conteúdos de educação física, para não ser o mesmo conteúdo em todas as séries” (Professora 2)

Portanto, o futebol não é trabalhado frequentemente, o professor 1 deu o exemplo que ele trabalhou o futebol no 7º ano quando o conteúdo era esporte, porém atualmente, dando aula para o 1º ano do ensino fundamental ele não dá futebol porque eles não tem esporte. A professora 2 deu outro exemplo quando ela disse que no 4º ano (uma das séries que ela ministra aula) ela trabalha o futebol e suas variações porque o esporte é um dos conteúdos para essa série. Todavia, os professores já trabalharam e/ou trabalham com o conteúdo de futsal no interior do conjunto de conhecimentos relacionados ao esporte.

Há a necessidade de fazer que os alunos passem por diferentes práticas corporais e saiam do monopólio do quarteto fantástico (futebol, vôlei, basquete e handebol), conhecendo assim tudo que gira em torno da sociedade em que vive e tendo uma maior consciência corporal, posto que lhe é permitido experimentar coisas novas. (Heuer e Fontes, 2017)

Diferente do que conhecemos e vivenciamos, a realidade em muitas escolas é o futebol trabalhado todo ano e em todas as turmas, na minha vida escolar sempre tive futsal com frequência, pelo menos um bimestre por ano, o que pode remeter à uma não organização curricular adequada e talvez professores sem um preparo adequado. Esses fatores podem acabar levando ao famoso “quarteto fantástico”, os docentes acabam passando sempre a mesma coisa, futebol, basquete, handebol e voleibol, os quatro esportes mais conhecidos e mais usados nas aulas de educação física em geral.

4.2.1 Como ensinar o futsal/futebol

Também foi tratado na entrevista sobre a relevância de como ensinar o futebol, pensando no individual e coletivo ao mesmo tempo; trabalhando o desenvolvimento de acordo com a idade e série; sem buscar o alto rendimento e sem dividi-los por gênero ou por grau de habilidade.

“Eu não trabalho o futsal propriamente dito, eu trabalho o futebol e suas variações, trago o futsal, o golzinho, gol a gol, as brincadeiras que derivam do futebol, que eles brincam em casa, mas com as regras que eu trabalho, de

quantidade de jogadores, lateral, a grande área, as delimitações de área, mas o futebol de campo mesmo”. (professora 2)

Para Vieira (2013) a divisão por sexo em aulas de educação física na escola só seria cabível se o objetivo fosse o de rendimento, uma vez que no campo biofisiológico o desempenho motor das meninas ficaria prejudicado devido a uma diminuição de vivências corporais, pois desde cedo os meninos recebem estímulos para a sua independência. É necessário então que os professores de educação física auxiliem em alternativas pedagógicas para transformar a sociedade em um processo de co-educação para que a competitividade seja substituída por brincadeiras, o individualismo pelo coletivo e assim afirmar que as aulas mistas são possíveis, são transformadoras e uma ferramenta importante ao processo de superação das desigualdades que são atribuídas às questões de gênero. (CAVALCANTE, 2020)

Assim temos que o dever do professor não é buscar atletas através do esporte aplicado na escola, e sim usar o esporte como uma atividade que além de propiciar a saúde, também servir como uma atividade prazerosa e de socialização do indivíduo, onde também através da inclusão de todos, seja capaz de promover uma melhor autonomia do aluno através das práticas esportivas (MELHEM, 2009 apud ANDRADE, 2015).

Para que as aulas aconteçam da forma mais igualitária possível é necessário entender às individualidades dos alunos e como isso pode ser trabalhado coletivamente, então, no tópico à seguir vamos analisar as capacidades físicas e técnicas dos alunos na visão dos docentes entrevistados.

4.3 AS CAPACIDADES FÍSICAS E TÉCNICAS DOS ALUNOS

Quando falamos de capacidades físicas é notório que a diferença acontece em todas as turmas e é tudo bem variado e individual, cada aluno tem suas especificidades, suas habilidades e suas dificuldades, como relata o professor 1:

“Não consigo dar uma resposta geral não, eu acho que é bem diverso mesmo, depende muito da realidade dela mesmo, tem crianças que fazem alguma aula que exige mais flexibilidade que são excelentes, e outras já tem uma realidade que demanda mais força”.

Porém quando tratamos de capacidades técnicas é possível observar que os meninos em geral conseguem se destacar mais, possuem uma habilidade mais desenvolvida etc., mas claro, com algumas exceções porque sempre tem meninas que também se destacam.

Quando abordamos sobre a participação dos alunos nas aulas, podemos perceber a grande relação que se tem com essas capacidades, e como esses fatores possuem uma bagagem cultural, os entrevistados disseram:

“Em relação a função social mesmo, é que as meninas tem um menor repertório motor, porque em casa elas são delegadas à atividades diferentes dos meninos, então tudo isso a gente percebe que acontece quando a gente vai trabalhar o esporte. Uma outra coisa que eu acho que tem relação e que é algo que a gente tenta combater, é o fato das meninas por terem menos oportunidade, acabam que tem menos habilidade e naturalmente a gente não gosta daquilo que a gente não tem domínio, e aí é algo que vira uma barreira para elas gostarem” (Professor 1)

“Os meninos jogam desde a primeira infância, então assim, como é que eu vou garantir que a menina que não têm oportunidade jogue de igual para igual”.
(Professora 2)

Tudo isso nos leva à oportunidade, os meninos são incentivados a jogarem desde muito pequenos, o que leva a muito mais tempo de experiência e desenvolvimento de técnicas, já as meninas, muita das vezes, são incentivadas a brincar de boneca ou de casinha, não se apropriando de técnicas mais desenvolvidas, sendo um dos motivos delas participarem menos.

De acordo com Kunz (2005), os profissionais de Educação Física devem proporcionar aulas para todas e todos, principalmente para os que possuem dificuldades de aprendizagem. Oferecer aos alunos não um esporte institucionalizado e padronizado, mas através de atividades diversificadas, oportunizar aos mesmos a experiência da criação. E quando se fala dessa igualdade de oportunidades é sobre pensar em atividades que trabalhem as dificuldades e desenvolvam na prática a melhoria delas de forma coletiva, em que os alunos se ajudem, respeitando às particularidades de cada um.

Mutti (2003) apud Haas (2013), em posição pedagógica semelhante, ou seja, tradicional, compreende que o Futsal é a modalidade que possibilita trabalhar um conjunto de aspectos: técnico-tático do jogo, raciocínio rápido, coordenação motora, questões sociais, cooperação,

respeito e liderança. Segundo ele, no processo da aprendizagem sobre a modalidade do Futsal, as crianças vivenciam e passam por várias situações de aprendizagem diferenciadas.

O futsal, além de trabalhar técnica e tática, pode agregar em diversos aspectos da vida do aluno como o desenvolvimento da coordenação motora, a ajuda mútua, a coletividade, a obediência e outras aprendizagens citadas acima por Mutti (2003). Ensinaamentos que interferem positivamente no desenvolvimento da criança dentro e fora da escola.

Logo, devemos entender que o contexto das capacidades físicas e técnicas estão intimamente ligados à participação dos alunos, em que se percebe que os meninos participam e gostam mais das aulas de futsal do que as meninas, como ressaltam os entrevistados:

“Não tenha dúvida que existe essa diferença de participação, porque a gente vê na própria formação dos gêneros, do que é esperado de um homem e de uma mulher...”; “...porquê de fato a gente não gosta daquilo que a gente não tem nem chance de treinar”. (Professor 1)

“As meninas você tem que dar uma resgatada, tem que ficar chamando, convocando, já os meninos eles apresentam mais detalhes e demonstram mais porque é social, é histórico, o primeiro brinquedo que eles ganham é uma bola, um carrinho, e as meninas não, são poucas que tem essa oportunidade de vivenciar o jogo.” (Professora 2)

Toda essa abordagem de participação e de capacidades nos remete à uma ideia machista enraizada na sociedade, repleta de preconceito e discriminação, que afeta a vida das crianças dentro e fora da escola e é sobre esse assunto que vamos abordar no próximo tópico.

4.4 GÊNERO E PRECONCEITO

Desde a infância, através da representatividade dos brinquedos, as meninas não são estimuladas a conhecer a bola, como os meninos são, então essa ideia de ser um esporte só de homens vem sendo enraizado durante toda a criação deles, o que leva a uma não aceitação de ambos os sexos em que o futebol seja para todos. Segundo Altmann e Reis (2013), ao longo da infância, as primeiras experiências futebolísticas das meninas ocorreram na companhia de homens, sendo os familiares e amigos, na maioria, crianças como elas.

Uma das perguntas da entrevista era se ainda existia preconceito nas aulas e se sim como isso chegava no ambiente escolar, e as respostas foram bem parecidas:

”Existe, sem dúvida nenhuma, e se existe isso chega no ambiente escolar através do que os alunos trazem, através da visão às vezes de professores e servidores quem tem um julgamento, uma frase equivocada, vem por parte das famílias também, que tem muitas vezes os seus valores à respeito do que deve fazer com uma mulher ou com o homem, muitas vezes associados também à motivos religiosos, etc, então isso chega na escola dessa forma e também se manifesta pelos alunos, às vezes a gente tem alunos que manifestam isso de forma explícita...” (Professor 1)

“Eles não querem tocar para as meninas, normalmente eles não gostam de tocar para as meninas durante o jogo ou se a menina erra eles ficam contrariados, às vezes não xinga e não briga porque eu tô ali vendo né, mas assim é na hora do recreio que é um momento da brincadeira, que eles estão livres para fazer o que querem né eu não vejo nenhuma menina jogando futebol na hora do recreio, então só de não ser incluídas e de não ocupar aquele espaço é um tipo de discriminação, então no meu entendimento elas não ocupam esses lugares devido ao preconceito.” (Professora 2)

E é nessas situações de preconceito e discriminação que o professor deve intervir e corrigir, para Furlan (2008) o dever do professor é quebrar as diversas barreiras do sexíssimo e conseguir a inclusão e a participação das meninas nas aulas em que se trabalha a prática do futsal. O docente precisa interferir em situações discriminatórias e sempre planejar suas aulas de forma que todos participem da mesma forma e que os alunos entendam que não há motivos para que achem que o sexo pode influenciar em como a aula acontecerá.

Apesar de ser difícil e complicado ver tantas situações negativas dessa forma os professores entrevistados compactuam com a ideia de Furlan quando afirmam:

“Primeiro o professor tinha que responder, ele não pode deixar passar, porque opressões só se combatem assim, de forma que os que estão em volta não deixar que a opressão passe em branco, então a atitude do professor tem que ser essa”. (Professor 1)

“Eu acho que todo professor tem que sinalizar, intervir, não pode deixar passar” (professora 2)

Percebe-se que, a conquista feminina na prática do futsal tem avançado consideravelmente, apesar dos estigmas, preconceitos e estereótipos ainda permearem as relações sociais e, também o ambiente escolar. (VIEIRA, 2019). Esse pensamento de “esporte de homem” vem sendo reformulado nas escolas, principalmente através dos professores, em que os meninos já tem uma aceitação maior das meninas praticando o futebol e conseqüentemente as meninas tem mais interesse e se sentem mais confortáveis participando das aulas. Dentre os ambientes conquistados pela mulher na sociedade, o meio esportivo se mostrou um importante espaço de visibilidade de luta feminina (PEREIRA; FONSECA, 2009).

“Agora sem dúvida, hoje a gente assim, a gente avançou enormemente, temos os movimentos feministas, então tem mulheres que são símbolos, que ganhou mídia e que acabam gerando alguma identificação nas meninas” (Professor 1)

É perceptível que aos poucos a figura feminina vai ganhando espaço nas mídias, principalmente na internet e na televisão, e essa representação reflete na vida das crianças que se espelham em mulheres que se tornam símbolos.

Através de todas essas considerações feitas neste trabalho, sobre o futsal, os docentes e a inclusão feminina realizaremos agora um reflexão e uma síntese observando o que se pode extrair deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisarmos este trabalho é importante resgatar à pergunta que norteou a investigação desenvolvida, que foi: quais são dificuldades que o docente tem em incluir as meninas nas aulas de futsal dentro do âmbito escolar?

Para responder essa pergunta priorizei as respostas dos docentes entrevistados, além dos fatores que influenciam a construção dos relatos apresentados pelos professores, como a formação dos profissionais, as capacidades dos alunos, como o futsal é organizado o gênero e o preconceito.

Analisando os objetivos deste trabalho podemos afirmar que conseguimos atingi-los, ou seja, no decorrer desta investigação, procurei compreender como os docentes lidam com as dificuldades apresentadas, como a falta de participação e interesse das meninas; que forma lidar com as capacidades físicas e técnicas dos alunos; como interferir em situações de preconceito e discriminação, entre outras, e o que eles fazem para mudar a realidade existente.

Podemos observar que eles, veem a necessidade de repensar e ressignificar alguns aspectos, como a discriminação; e esse processo de mudança pode acontecer através dos professores, intervindo e impedindo ações de intolerância. Essa pesquisa também tentou entender às alternativas que os docentes podem realizar para a conscientização de outros professores e dos alunos.

Apesar da participação das meninas não serem assíduas, os entrevistados relatam que de alguma forma tentam resgatá-las para que elas participem, seja propondo atividades diferentes e/ou inclusivas, que despertam o interesse de aprender; seja conversando com elas, ou até mesmo com os meninos para que não tenham situações preconceituosas; e é através dessa intervenção do docente que se pode quebrar as barreiras que dificultam essa participação feminina.

Quando essa postura/atitude e, de certa forma, o pensamento positivo é passado adiante, temos uma possibilidade de criar uma nova realidade no âmbito escolar, e que mais para frente pode se expandir nas famílias e na rua.

Neste trabalho buscamos identificar a perspectiva do professor em relação ao ensino de futsal para meninas no contexto da educação física escolar, todavia, outros estudos e pesquisas poderiam contribuir procurando entender como pode ser o ensino de futsal nas escolas; quer seja por intermédio de, um novo currículo atualizado, quer seja com novas abordagens pedagógicas nas aulas de futsal.

Ainda há muito a ser feito, na teoria e na prática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rodolfo Marques Alves. Educação física escolar: o futsal feminino, uma proposta de intervenção. 2015. Artigo.

BRACHT, Valter et al. Pesquisa em ação: Educação Física na escola. Ijuí, RS: Ed. da Unijuí, 2003.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. Formação e prática pedagógica do professor de educação física: a construção do saber docente. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

CAVALCANTE, Flávia Emília Valoz. Questões de gênero nas aulas de futsal na perspectiva de professores de educação física. 2021. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Educação Física e Esporte, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

CARVALHO, Bruno Jacob de. O futebol/futsal feminino na escola pública: um estudo no município de Santa Cruz do Rio Pardo. 2018. 48 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/203184>>.

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora" Movimento, vol. 18, núm. 4, 2012, pp. 55-75. Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil

D´AJUDA, Joany Oliveira; CRUZ, Thaynara Malta; ROCHA, Dayana Lopes da; AMORIM Cleber Siman de. Uma análise dos métodos analítico, global e misto para o ensino-aprendizagem do futsal na escola. 2018.

GUIMARÃES, Juracy da Silva. O esporte na cultura escolar – com a palavra o professor de educação física. Belo Horizonte, 2002. Mestrado. Pós graduação da Faculdade de Educação da UFMG.

HAAS, Leandro Baptista. O ensino do futsal na escola: a perspectiva pedagógica assumida pelos professores de educação física. 2013. 36 f. Monografia. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, 2013.

HEUER, Isadora Paasch, FONTES, Patrícia Neto. Parkour: uma experiência na escola através do PIBID/FURB – subprojeto de Educação Física. 2017. II Encontro das Licenciaturas da Região Sul, 2017; II ENLICSUL, 2017; II PIBID/UNISINOS, 2017; Tema: Práticas de Iniciação à Docência na Região Sul: enfoques, avaliação e perspectivas.

JACO, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da educação sob a perspectiva do gênero. Teoria & Educação. Porto Alegre, n.6, p.53-67, 1992.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo : EPU, 1986.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. 2012. v. 4 n. 2 (2012)

MARTINS, Lucielton Mascarenhas et al.. O futsal feminino em escolas da rede pública e privada de ensino médio da cidade de crato-ce. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/21606>>. Acesso em: 17/03/2022 06:50

MUTTI, D. Futsal: Da Iniciação ao Alto Nível. 2ª edição. Phorte. 2003.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente, coord. - "Os professores e a sua formação". Lisboa : Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa – considerações sobre bases filosóficas e princípios norteadores. São Paulo. 2016. V. 22 N. 40 (2013): Revista da FAEEBA - EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE.

PINHO, de Silvia Teixeira; ALVES, Daniel Medeiros; GRECO, Pablo Juan; SCHILD, José Francisco Gome. Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares - Motriz, Rio Claro, v.16 n.3 p.580 – 590, jul./set. 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e história social. Florianópolis, 2009. Estudos Feministas,17(1): 296, janeiro-abril/2009

RÉ, Alessandro Nicolai. Características do futebol e do futsal: implicações para o treinamento de adolescentes e adultos jovens. 2008. Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 127

RODRIGUES, Maxwel Augusto; SOUSA, Francisco José Fornari. A participação das meninas no futsal escolar.2021. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) – Faculdade Integrada Facvest.

SANCHES, Vanda Cristina; BORIM, Jayne Maria. História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná. Buenos Aires. 2010. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd149/futsal-feminino-no-brasil-e-no-parana.htm>>. Acesso em 17/03/2021.

TARDIF, M. et al. Os professores face ao saber. Teoria e Educação, Porto Alegre : Pannônica, n. 4 – 1991 (p.215-233).

TOLEDO, Luciano Augusto; SHIAISHI, Guilherme de Farias. Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso. 2009. Rev. FAE, Curitiba, v.12, n.1, p.103-119, jan./jun. 2009

VIEIRA, Bruno de Sales. É mais difícil ser menina: uma análise das experiências de estudantes com futsal feminino no contexto escolar. 2019. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/203928>>.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APÊNDICE

Roteiro de perguntas para a entrevista:

- Nome fictício do participante:
- Qual sua idade?
- Qual seu sexo?
- Qual é a sua formação? Como sua formação reflete nas suas aulas? Você se sente preparado?
- Você já fez algum curso relacionado ao futebol/futsal?
- Você ministra aulas de futsal com que frequência no bimestre?
- A participação dos alunos nas aulas de futsal acontecem da mesma forma nos dois gêneros? Quais são os motivos que levam essas participações serem dessa forma?
- Quais são as capacidades físicas que os alunos mais apresentam? (Ex: força, velocidade, flexibilidade, agilidade). Tem diferença entre meninos e meninas? É possível trabalhar de forma igualitária, mesmo cada aluno possuindo capacidades específicas e individuais?
- Quais são as capacidades técnicas que os alunos mais apresentam? (Ex: passe, domínio, condução, finalização). Tem diferença entre meninos e meninas? É possível trabalhar de forma igualitária, mesmo cada aluno possuindo capacidades específicas e individuais?
- Ainda há preconceitos nas aulas de futsal em relação às meninas? Se sim, na sua opinião, de onde vem essas discriminações e de que forma elas chegam no ambiente escolar?
- Como o professor deve lidar com o preconceito feminino nas suas aulas? Me conte experiências em que você interferiu em ações discriminativas nas aulas de futsal.
- De que forma o professor pode motivar às alunas a praticarem o futsal?
- Quais são suas maiores dificuldades em conseguir incluir as meninas nas aulas de futsal?